

Funaro já tinha proposto o fim do gatilho

A definição de uma nova política salarial será o primeiro item da agenda de trabalho no ministro da Fazenda, Dílson Funaro, assim que encerrar sua viagem pelos Estados Unidos, Europa e Japão, na próxima quarta-feira. Antes de iniciar seu giro, Funaro já havia convencido o presidente José Sarney que a revisão do gatilho salarial é uma questão urgente. A posição de Funaro foi reforçada pelo documento elaborado pela Seplan, sugerindo um plano de ajuste econômico, estudado por Sarney durante o recesso do Carnaval.

Desde a retomada do processo inflacionário, Funaro levantou o assunto várias vezes junto a Sarney, com base em estudos elaborados por sua assessoria. Estes estudos demonstraram que o nível de 20% de inflação para o disparo do gatilho é compatível para uma inflação anual entre 60 e 70% correspondente a índices mensais entre 3 e 4%. Índices mensais acima deste patamar, tornam os 20% do gatilho rápidos realimentadores da inflação.

Os estudos apresentaram alternativas técnicas para a resolução do problema. Uma delas sugere a elevação do nível de disparo do gatilho para em torno de 40%. Outra prevê a eliminação do mecanismo, depois da concessão de um abono salarial geral, ou parcial, que compensasse a defasagem de disparos entre as diferentes categorias profissionais. Depois disso, os reajustes seriam semestrais, com a garantia do repasse de 100% do INPC.

Mas os técnicos —, especialmente Funaro — têm consciência que a alteração da política salarial hoje é essencialmente política. A eliminação do gatilho, ou a simples mudança do nível de disparo, teria que ser submetida ao PMDB e PFL, os dois partidos que dão sustentação a Sarney.

A CUT concorda. Mas desconfia que vem "coisa pior".

Sob o argumento de que "este é o país do acaso", o presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneguelli, não demonstrou otimismo em relação à proposta do ministro do Planejamento, João Sayad, de substituir o gatilho da escala móvel por outro mecanismo que garanta a manutenção dos ganhos do assalariado.

Meneguelli ressaltou, porém, que "haverá motivo para revolta da classe trabalhadora" se o gatilho for substituído "por coisa pior". Mas lembrou que a CUT sempre considerou alto o índice de 20% para o disparo do gatilho.